

A ANÁLISE DO ARQUÉTIPO E COMPLEXO MATERNO PELA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS DE JUNG E HILLMAN

Debora Krakauer (IC) e Antônio Maspoli de Araújo Gomes (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

A análise de sonhos é uma técnica utilizada para manejo e interpretação clínica, assim como auxiliar para a identificação de imagens e padrões do Inconsciente Pessoal e Coletivo para a Psicologia Analítica, postulada por Carl Gustav Jung e para Psicologia Arquetípica, de James Hillman, pós junguiano. Através de um estudo de caso único e de seus respectivos materiais oníricos, foi desenhada uma pesquisa exploratória cujo objetivo geral era analisar a visualização do Arquétipo Materno para Jung e para Hillman, evidenciando as similaridades e divergências para ambos autores sobre as análises de sonhos e a constelação do Arquétipo e Complexo Materno. O procedimento metodológico se deu a partir da análise de 5 sonhos e 11 desenhos, material oferecido espontaneamente durante psicoterapia, realizadas por 6 psicólogos experientes, sendo 3 a partir da teoria de Jung e 3 com foco em Hillman. Compreendeu-se os conteúdos obtidos através da análise de conteúdo, categorizando palavras-chaves extraídas dos protocolos de cada sonho. Através disso, verificou-se que, majoritariamente, as análises de ambos autores possuem várias similaridades, visto que ambos possuíam a visualização do Materno de forma próxima, investigando diferentes facetas do Materno, assim como no entendimento do Feminino como base para as imagens do Materno. Observou-se também diferenças no que concerne a transitoriedade de conteúdos, visto Hillman se focar em um caráter mais atemporal e fluído da imagem e Jung se focalizar nos aspectos da psique.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Análise de Sonhos. Complexo Materno.

ABSTRACT

Dream analysis is a technique used for clinical analysis and evaluation. It is also used to identify images and patterns of the Personal and Collective Unconscious as postulated by Carl Gustav Jung in Analytical Psychology and by James Hillman, post jungian, in Archetypal Psychology. Through a single case study using dream materials of the subject, an exploratory research study was designed. The general objective was to analyze the presence of the Maternal Archetype according to Jung and to Hillman. It was possible to recognize similarities and divergences during the analysis of the dreams and constellation of the Archetype and Maternal Complex in respect to the authors theories. The methodological procedure included the analysis of 5 dreams and 11 drawings, material offered spontaneously during psychotherapy, performed by 6 experienced psychologists in which 3 of them conducted the

analysis according to Jung's theory and the other 3 according to Hillman's. The contents obtained through content analysis were understood and, later, categorized using keywords extracted from the protocols of each dream. For the most part, it was found that the 6 analyses shared several similarities, including the different facets of the Maternal archetype, as well as in the establishment of the Feminine as the foundation for the images of the Maternal. Differences were also observed regarding the transience of content. While Hillman focuses more on a timeless and fluid character of the image, Jung focuses on aspects of the psyche.

Keywords: Analytical Psychology. Dream Analysis. Mother Complex.

1. INTRODUÇÃO

O contexto desta pesquisa é dentro da perspectiva da Psicologia Analítica, fundada pelo teórico Carl Gustav Jung, na década de 1920, que aborda como temática de estudo principal o inconsciente coletivo e suas estruturas, os arquétipos (STEIN, 2006). Dentro da abordagem junguiana, vários são os arquétipos estudados, sendo um deles o Materno, objeto desta pesquisa, tido como base do Complexo Materno e estruturado a partir de símbolos e imagens, referentes tal temática historicamente construída (JUNG, CW 9, 1875/2000).

Um dos instrumentos utilizados na análise clínica junguiana é a interpretação dos sonhos, concebida como uma ponte mensageira da fala do paciente para seus aspectos psíquicos mais profundos, possibilitando uma análise relevante para o *setting* clínico e terapêutico, assim como compreensão do processo de individuação do mesmo (HALL, 2007). Assim, a inquietude inicial partiu de um questionamento se psicólogos da abordagem analítica que seguem perspectivas teóricas diferentes interpretam os sonhos da mesma forma.

As perspectivas de Jung e a de Hillman foram as que despertaram interesse após se iniciar a leitura de trabalhos que despontaram no levantamento bibliográfico. Destaca-se que a primeira trata os sonhos como estrutura compensatória da psique e reveladora do inconsciente pessoal e coletivo, codificados em símbolos e significados ocultos (HALL, 2007). E a de Hillman, percebe o sonho como uma produção da alma, conectada com aspectos coletivos da cultura, principalmente da mitologia, e vivências subjetivas interiorizadas, com amplas imagens e significados (HILLMAN, 1987).

Como delimitação do estudo, foca-se os esforços de pesquisa para o Arquétipo Materno, visto ser esse um dos arquétipos possíveis de ser visualizado ao se interpretar sonhos e presente no caso que será objeto de estudo. Dessa forma, a atual pesquisa busca responder a seguinte questão: como ocorre as manifestações do Arquétipo e do Complexo Materno, a partir de sonhos e desenhos, para a perspectiva de Jung e para a de Hillman?

Justifica-se o estudo tanto academicamente quanto para a prática da Psicologia Analítica, dada a escassez de bibliografias observadas por um levantamento bibliográfico nas revistas classificadas pelos QUALIS CAPES como A na área da psicologia, tornando-se possível trazer novas ideias e conclusões sobre o relativo tema e proposta de pesquisa.

Tem-se por objetivo geral de estudo analisar o Arquétipo e Complexo Materno visualizados no estudo de caso apresentado, por meio das produções oníricas e gráficas realizadas pelo paciente, registradas durante o processo de psicoterapia. Tais análises serão dadas através da ótica da Psicologia Junguiana, a partir das concepções do Carl G. Jung e James Hillman. Objetiva-se especificamente tais questões: comparar o Arquétipo e Complexo Materno para os teóricos Jung e Hillman (OE1); verificar as influências das constelações do

Arquétipo e Complexo Materno para as dinâmicas psíquicas e nas relações interpessoais do paciente (OE2); e analisar as produções oníricas e gráficas do paciente em questão, dando ênfase para a visualização do Arquétipo e Complexo Materno (OE3).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Serão apresentados os trabalhos utilizados como fundamento teórico na presente pesquisa, sendo investigados os conceitos da Psicologia Analítica e postulados de Jung e Hillman, a partir do enfoque do tema apresentado.

2.1. Arquétipo e Complexo materno

No presente estudo e para compreensão do estudo de caso, a ênfase foi dada para o Arquétipo Materno, um importante arquétipo cunhado por Jung, que repercute desde a Antiguidade até a sociedade contemporânea. Compreende-se como Arquétipos, estruturas psíquicas inconscientes e vazias, que aparecem como imagens e auxiliam na formação de símbolos comuns a todos os seres humanos e suas experiências existenciais; há inúmeros Arquétipos, assim como diversos temas para cada um deles, se enquadrando e correspondendo em diferentes situações da vida e do desenvolvimento de cada indivíduo (STEIN, 2006). Assim como há os Arquétipos para o inconsciente coletivo, há os complexos para o inconsciente pessoal, visto esses serem estruturas autônomas organizadas por temas, com centros arquetípicos, reunindo em si lembranças e imagens pessoais, podendo serem constelados na consciência quando evocados (STEIN, 2006).

O Arquétipo Materno é uma força universal, comum a todos os seres humanos, que rege e situa valores como o cuidado, o acolhimento, a fertilidade, o relacionamento entre pessoas, é o criador de afetos e vínculos entre humanos, grupos e coisas (JUNG, CW 9, 1875/2000). É a figura feminina materna, de mãe, cuidadora, mãe natureza, geradora, que dá a luz e acalenta; também se remete aos símbolos de sentido mais amplo como a lua, a gruta, o poço profundo, a floresta, assim como o útero (JUNG, CW9, 1875/2000).

Logo, visto o Complexo e o Arquétipo Materno serem muito primitivos e ligados a fase infantil, têm impacto direto com o processo de individuação e reconhecimento do Ego (WERRES, 2013), dessa forma, a constituição egóica depende intimamente da experiência subjetiva da maternidade e, assim, da formação do Complexo Materno. Esse pode ser vivenciado negativa ou positivamente, se aproximando das imagens arquetípicas do Materno, assim como qualquer Arquétipo e Complexo da psique humana (PORTILLO, 2004).

Jung propõe que o Materno é estruturado em cima de outro Arquétipo: o Feminino, denominado amplamente como Anima (GAETA, 2019). Sobre os aspectos característicos da Anima, Von Franz (2002, p. 177 *apud* MOURÃO, 2006) exemplifica como “os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas (...) e, por fim, mas nem por isso menos

importante, o relacionamento com o inconsciente”. A mãe, física e simbólica, geralmente é a primeira relação que um indivíduo possui em sua vida. Logo, há a projeção dos aspectos do feminino à figura do materno, traçando as características do Arquétipo Materno sobre a perspectiva do feminino intuitivo e sensível, tendo embasamento da Anima sobre essas imagens. (GAETA, 2019).

De acordo com a autora Young-Eisendrath (1947/1995), o Arquétipo Materno pode se dissociar em duas imagens: a Grande Mãe e a Mãe Devoradora. A primeira se remete a uma experiência positiva e nutridora que o indivíduo possui em contato com sua representação do feminino e da maternagem. A constelação do Arquétipo da Grande Mãe, para a filha, se dá pela a partir da identificação com o feminino (PORTILLO, 2001). Já para o filho, na maneira a como que este irá se relacionar com as figuras femininas em sua vida futuramente (CORREA, s/d). Em contrapartida, encontra-se o arquétipo da Mãe Devoradora (ou Mãe Terrível) (YOUNG-EISENDRATH, 1947/1995). Essa é simbolizada pela imagem de deusa selvagem ou bruxa, que traz à tona a experiência afetiva feminina negativa. Através da Mãe Terrível, é concebida as imagens de morte, esterilidade, ruína e aridez (MOURÃO, 2014). A Mãe Devoradora constelada pode trazer inúmeros mecanismos e funcionamentos patológicos como sentimentos de inferioridade e fragilidade para expressão de ideias, sentimentos e decisões (YOUNG-EISENDRATH, 1947/1995).

Encontra-se a narrativa da Deusa Medusa, simbologia dessa Mãe terrível, que paralisa seus filhos, simbolicamente traz a imagem de regressão e o aprisionamento da psique ao filho (CARVALHO, 2017). Para Jung, é possível realizar analogias e metáforas a partir dos elementos dos mitos com expressões emocionais e inconscientes, tidos como um caminho aberto entre a consciência e seus conhecimentos para símbolos e imagens coletivas inconscientemente (MOTTA, 2016).

Habitualmente, a relação materna é a primeira a se estabelecer na vida de uma criança, a qual essa se encontra mergulhada na dinâmica materna e inconsciente. Essa dinâmica afetiva primitiva da psique enaltece o Arquétipo do *Puer Aeternus*: a criança eterna, infantilizada e narcísica, que possui necessidade amparo, principalmente do materno (KAST, 1997). Conforme o Ego e a consciência da criança se desenvolvem e se emancipam do inconsciente, ela poderá entrar em contato com a realidade externa e experienciar outras relações, o que irá amadurecer sua psique e desenvolver seu Self (KAST, 2013).

2.2. Os sonhos para Carl Gustav Jung

A concepção junguiana renova o conceito de interpretação de sonhos, anteriormente proposto por Freud em 1900. Para o psicanalista, os sonhos eram manifestações de desejos reprimidos, provenientes do inconsciente (VILELA, 2014). Jung amplifica a percepção sobre

essas manifestações: ele afirma que os sonhos são produtos psíquicos inconscientes, tendo envolvimento com toda a dinâmica da psique e da individualidade de cada ser, sendo um caminho para a própria individuação e entendimento da dinâmica psíquica individual (FERNANDES, 2010).

Como Jung afirmou, os sonhos são como qualquer produto psíquico e deve ser tratado como tal. Ao se debruçar em cima de um relato sonhado, deve-se entender que esse é formado através de experiências conscientes, mas também de vivências introjetadas no inconsciente pessoal e de imagens ancestrais vindo do inconsciente coletivo (HALL, 2007). Visto que a psique, pela ótica junguiana, tem caráter compensatório, os sonhos também são formas de compensar os aspectos internos do sujeito, com objetivo de regular e harmonizar tensões e dinâmicas para maior integração do Eu (LIMA, s/d). Como o próprio Jung (CW 7, 1951/2011, par. 210) cita:

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico.

A partir da interpretação de tais manifestações oníricas, há o desmembramento desses símbolos, entrando em contato com a consciência egóica, levando a *insights* e revelações sobre a própria dinâmica psíquica (HALL, 2007).

Esse processo, dado pela interpretação terapêutica dos sonhos, faz com que tal entendimento crie uma ponte direta para o processo de individuação, já que há uma compreensão e união do consciente com os aspectos inconscientes (FRANCO, 2015). Entende-se como a individuação se constitui em um processo de diferenciação em busca do autoconhecimento e da autoaceitação. Tal caminho se determina a partir do entendimento simbólico do inconsciente, levando à uma aproximação e integração da real personalidade e autoimagem de cada um (KAST, 2013).

Nota-se que esse desenvolvimento se dá por um caminho muito ligado ao autoconhecimento, sendo o final de tal trajetória o real descobrimento do si mesmo. Chega a um ponto de aproximação máxima com o Arquétipo central, o Si Mesmo, que é o fundador e regulador da personalidade, centralidade e de desenvolvimento psíquico humano. Dessa forma, os sonhos e seus símbolos se tornam uma porta de entrada de grande importância para tal trajetória de autoconhecimento para nós (KAST, 2013).

2.3. As produções artísticas e o processo simbólico

Um conceito amplamente utilizado em toda obra e teoria de Carl Jung é o símbolo. Esses são uma produção espontânea da psique, principalmente representado através de imagens, que representam algum aspecto interior da psique do indivíduo, manifestado pelo

símbolo (SERBENA, 2010). É a partir de sua interpretação e análise mais profunda, que se entende o real significado da imagem simbólica e de suas raízes. O símbolo transita entre a consciência e o inconsciente, pelo movimento da função transcendente. Assim, entra em contato com partes de manifestações e estruturas arquetípicas, que regem inconscientemente diversos aspectos conscientes da vida humana, se tornando o principal meio de comunicação e expressão aceitável do inconsciente para a consciência, dada a forma de imagem e abstração (JUGEND, 1998).

Visto os objetivos do trabalho, para Jung e Hillman a psique é constituída de imagem, sendo essa muito enfatizada pelos dois teóricos. Todavia, para Jung, o símbolo representa uma vivência pessoal e, assim, sugere e aponta para um determinado arquétipo temático associado à tal imagem; já para Hillman, “arquétipos são formas primárias que governam a psique. Não são contidos só pela psique. Se manifestam no plano físico, social, linguístico, espiritual e estético” (JUGEND, 1998, s.n.).

Um veículo de grande relevância para a representação simbólica é a arte. Como citado anteriormente por Serbena (2010), a energia psíquica, progressivamente, se projeta ao exterior, trazendo aspectos do inconsciente para a realidade material. Assim, o processo artístico consiste em trazer à realidade externa uma ideia abstrata e interior, realizando tal comunicação entre o mundo interno e externo como centro do processo, isto é, emerge de um complexo do inconsciente pessoal, porém circunda em temáticas arquetípicas e se insere para a coletividade (BARCELLOS, 2004). É um processo caracterizado como abstrato, ligado à criatividade, espontaneidade e satisfação pessoal, dado o “refluxo” da energia de um indivíduo pela introversão libidinal na psique (JUNG, CW 6, *apud* SILVEIRA, 2015).

Portanto, o símbolo se torna um portal dos processos psíquicos inconsciente: sua constante mudança, suas formas de expressão, quais temáticas coletivas esses remetem e como isso se reúne com a esfera pessoal do indivíduo (SILVEIRA, 1997). Dessa maneira, a energia psíquica (ou libido) é constantemente transformada através dos símbolos, visto ser canalizada para uma nova imagem/objeto, como observa-se pelo simbolismo dos sonhos (JUNG, CW 8, 1928/2002).

2.4. James Hillman e a Psicologia Arquetípica

Após as formulações dadas pelo criador da Psicologia Analítica, Jung, aparece ramificações para tal teoria, de forma a acrescentar, reformular e, até mesmo, contestá-la. James Hillman surge como um pós-junguiano com sua teoria da Psicologia Arquetípica. De tal forma, sua teoria se baseia, grandiosamente, em cima de um conceito: a psique é formada por imagens (BARCELLOS, 1991). Ele formula que os arquétipos se vinculam principalmente com a cultura e com a imaginação, o que deu o nome “Psicologia Arquetípica”, no lugar de

“Psicologia Analítica”, visto que, para Hillman, a psicologia deveria se vincular mais com as atividades humanas, em todas as dimensões (sociais, humanas, física, espiritual e linguística), em vez de se limitar ao campo terapêutico e empírico (BARCELLOS, 1991).

Hillman compreende as imagens como uma via de visualização de cada arquétipo. Cada imagem tem múltiplos significados complexos e independentes para cada indivíduo, de forma que constituem diversos arquétipos com diferentes temáticas e caminhos, amplificando novas dimensões aos níveis culturais e mundiais (SOUZA; CHAGAS, 2018). O conceito de alma hillmaniano recebe a ideia da alma como imaginada, infinita e baseada em experiências (BARCELLOS, 1991). Sant’Anna (2001) cita uma ideia interessante do termo ‘imaginal’, muito usado por Hillman:

As imagens não são vistas como representações, sinais, símbolos, alegorias ou comunicações, mas como fenômenos peculiares à psique. Propõe-se, portanto, um tratamento direto e vivencial da imagem, segundo o qual a explicação ou a interpretação egóicas são substituídas pela vivência, pelo tratamento lúdico e pela conexão emocional (p. 25).

Em relação ao materno, enfoque do trabalho, Hillman sugere essa instância como a relação primordial do ser humano, que embasa as futuras relações e manifestações do feminino (GAETA, 2019). A criança terá seus aspectos do *Puer* exacerbados e buscará afiliação com o Arquétipo da Grande Mãe, em busca do cuidado e segurança necessária (HILLMAN, 1998).

Os processos psíquicos são frequentemente metaforizados à alquimia, segundo a Psicologia Arquetípica, a partir dos pressupostos de Hillman, por exemplo, em relação à conscientização dos conteúdos do complexo como diálogo para compreensão da psique e de suas dinâmicas inconscientes (LABONDE, 2014). Assim, “sendo possível traçar uma analogia entre a discriminação e a dissolução dos complexos psíquicos com as fases de transformação da prima matéria da alquimia” (LABONDE, 2014, p. 41).

Relativo às manifestações oníricas, o autor afirma que essas são guiadas e expostas por imagens e sua interpretação depende do processo imaginatório do paciente. De forma que se encaixe com a proposta da Psicologia Arquetípica, a concepção dos sonhos, diante de uma interpretação terapêutica, expande a interpretação dos aspectos e conteúdos pessoais para arquetípicos os relacionando com o caminho de vida do paciente de maneira mais fenomenológica (FERNANDES, 2010).

3. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa com natureza exploratória, por ter como objetivo a discussão de um fenômeno ainda carente de investigação (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1987), e com abordagem qualitativa visto não ter pretensões estatísticas de análise, mas sim o aprofundamento de questões (FLICK, 2009) em diferentes enfoques teóricos, dado

o caráter de psicologia profunda característico da psicologia analítica. Utilizará como método o estudo de caso único, visto ser uma estratégia de pesquisa que permite preservar as “características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real” (YIN, 2005, p. 20). Justifica-se a escolha por um estudo de caso único dada a quantidade de documentos existentes (MARIOTTO; ZANNI; MORAES, 2014) com a obtenção de materiais cedidos para o estudo.

A documentação cedida para a pesquisa provém de um acompanhamento de um paciente, do sexo masculino, 37 anos na época, com queixas de crise de pânico e ansiedade, que de forma livre relatou seus sonhos em sessões de psicoterapia e autorizou a análise dos mesmos no atual estudo. Foram recebidos da terapeuta 87 documentos advindos do processo de psicoterapia, espontaneamente elaborados pelo paciente, incluindo relatos, desenhos, sonhos e comentários sobre a terapia.

Desses, foram selecionados 5 sonhos e 11 desenhos, que tinham maior relacionamento com as temáticas em estudo, codificados de S1 à S5 (sonhos) e D1 à D11 (desenhos), como *corpus* de pesquisa. Essa análise de temáticas e, posteriormente uma seleção dos materiais, foi feita pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa. No Quadro 1 pode ser verificada a relação de temas e documentos:

Quadro 1: relação das temáticas, quantidades e identificações de documentos

IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO	TEMÁTICA PRINCIPAL DO DOCUMENTO	QUANTIDADE DE DOCUMENTOS
Sonho 5 (S5); Sonho 2 (S2); Desenho 3 (D3); Desenho 11 (D11).	Materno	14
Sonho 2 (S2); Desenho 4 (D4).	Paterno	9
Sonho 3 (S3); Desenho 3 (D3).	Relacionamentos não-familiares	4
Sonho 1 (S1); Desenho 1 (D1) Sonho 2 (S2); Sonho 4 (S4)	Feminino/Anima	21
Sonho 2 (S2); Desenho 4 (D4)	Masculino/Animus	7
Sonho 4 (S4); Desenho 2 (D2); Desenho 5 ao 10 (D5-D10)	Self	32

Para a coleta de informações e posterior análise desse material foi desenvolvido um protocolo de pesquisa de forma que todos os documentos, que compõe o *corpus*, sejam analisados igualmente, condição determinante para o estudo de um caso, conforme postulado por Yin (2005). De forma a minimizar viés na coleta, optou-se por convidar especialistas para realizar a análise documental.

Foram convidados, como especialistas, psicólogos formados e atuantes na área clínica com especialização na abordagem junguiana, dos dois enfoques teóricos em estudo, com no mínimo 10 anos de clínica, sendo 3 da abordagem de Jung e 3 de Hillman, como observado no Quadro 2:

Quadro 2: Perfil dos respondentes

Entrevistado	Experiência Clínica	Especialização	Formação Adicional	Demanda de atendimento	Enfoque teórico
EH1	10 anos	Psicologia Hospitalar; Arteterapia e Psicologia Analítica.	Não possui.	Atendimento clínico individual em geral, a partir dos 4 anos.	Hillman
EH2	30 anos	Psicopedagogia	Mestrado	Não possui.	Hillman
EH3	26 anos	Especialização Clínica pelo CRP e IJUSP; Formação de Terapia de Casal.	Não possui.	Atendimento clínico para adolescentes, adultos e casais.	Hillman
EJ1	Mais de 30 anos	Psicologia da Mulher e Doenças Terminais.	Mestrado e Doutorado	Atendimento clínico à família e casais.	Jung
EJ2	21 anos	Abordagem Junguiana	Não possui.	Atendimento clínico à adolescentes e adultos.	Jung
EJ3	10 anos	Clínica	Mestrado	Não possui.	Jung

Foram analisados 5 sonhos por cada psicólogo, visto que cada sonho foi considerado uma unidade de análise (total de 15 unidades), contemplando a teoria da análise de conteúdo preconizado pela Bardin (2011) para estudos qualitativos, em relação à saturação de dados dada por 12 unidades. O procedimento de análise de conteúdo foi realizado através da definição de categorias – extraídas do protocolo aplicado – com a quantificação de termos chaves, proposta por Bardin (2011).

O processo para a análise de conteúdo ocorre em três diferentes etapas: (1) análise e leitura prévia do material; (2) exploração e descrição analítica do material, possibilitada pela categorização do material; e (3) análise reflexiva, através do entendimento dos resultados coletados. Considerou-se como critério de inclusão, palavras e termos-chaves, despontados a partir da coleta de dados e análise de conteúdo, que tivessem um total de dois ou mais palavras convergentes entre unidades de análise, excluindo-se palavras-chaves uma vez em cada unidade de análise, de forma a obter maior convergência empírica à análise dos dados.

De acordo com a Resolução nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, o estudo está respeitando as normas para pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo confidencialidade e anonimato, se enquadrando modalidade de pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontaneamente na prática profissional.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentados os resultados alcançados com a coleta de dados realizada para o estudo, estruturada pelo Grupo J (análise pela teoria de Jung) e Grupo H (análise pela teoria de Hillman).

4.1 Resultados Obtidos com o Protocolo de Jung

Foram entrevistados 3 profissionais (codificados como EJ1, EJ2 e EJ3) caracterizando a prática da Psicologia Junguiana, pelos pressupostos de Jung, cujos perfis foram apresentados no Quadro 2. Para somatória dos termos, considerou-se termos idênticos, assim como, sinônimos, tanto semânticos, quanto para o contexto dos discursos.

Quadro 3: Resultados da Análise de Conteúdo do Grupo J.

CATEGORIAS	TOTAL DE PALAVRAS E TERMOS-CHAVES
Análise do Sonho	Apego Materno (10); Intocável (8); Sem visão (7); Herói (7); Perigo (5); Mãe vulnerável (5); Frágil (5); Fuga (4); Figura Feminina Condutora (4); Violência (4); Dissociação (4); Inconsciente (3); Insegurança (3); Ansiedade (3); Falta de Fluxo (3); Dominância masculina (3); Submissão (3); Relação amorosa (2); Inadequado (2); Não lidar com suas questões (2); Veículos (2); Infantil (2); Incesto (2).
Contextualização histórica e social	Dependência do materno (6); Descontrole (5); Ansiedade (4); Dependência emocional (4); Abandonado (4); Materno negativo (4); Paterno negativo (4); Dinâmica do Casal (3); Infantil (3); Incoerente (2).
Arquétipo e Complexo Materno	Figura Feminina Anima (10); Mãe terrível (7); Pedras (5); Herói (4); Dependência materna (4); Útero Materno (3); Despotencializada (3); Casa (3); Castrado (2); Mulher mais velha (2); Veículos (2).
Particularidades do enfoque teórico	Pueril (10); Castrado (5); Inconsciente (4); Amplificação (3); Mito da Medusa (3); Consciência (3); Amor frustrado (3); Sincronicidade (2); Incesto (2); Projeções (2); Símbolos (2); Desenergização do complexo (2); Processo de individuação (2); Apego (2); Opostos (2).
Uso dos desenhos	D2 (5); D4 (3); D3 (2); D8 (2); D9 (2); Incapacidade (4); Ansiedade (3); Abandono (2).

Observou-se que as palavras que mais despontaram para o Grupo J foram: Mãe Frágil/Vulnerável; Infantil; Apego Materno; Materno Negativo; Ansiedade; Inseguro; Imagens do Feminino Condutor; Abandono; Intocável; Inconsciente; Dissociação; Castrado; Descontrole; Dependência Emocional/Materna; Paterno Negativo. É possível notar a predominância da temática do materno nas palavras despontadas, principalmente no que se diz a um aspecto negativo e dominante do materno e do feminino.

Relativo ao objetivo geral do trabalho, destaca-se a categoria de visualização do Arquétipo e Complexo Materno. Percebe-se a expressão de uma imagem negativa da mãe, citada pelo termo chave “Mãe Terrível”, uma das facetas do Arquétipo Materno e a manifestação do feminino. Por mais que distintos, o Arquétipo Materno e o Feminino, isto é, a Anima, são extremamente relacionados e similares em relação às suas imagens, características e manifestações (GAETA, 2019). Jung traz a concepção que a Anima “é uma produção espontânea do inconsciente. Não se trata de uma figura substitutiva da mãe, pelo contrário: a impressão de que as qualidades numinosas que tornam a imagem da mãe tão poderosa originam-se do arquétipo coletivo de anima [...]” (JUNG, CW 7, 1951/2011, p. 11). Logo, há a manifestação de imagens tanto do feminino como do materno, como “Útero”, “Mulher mais velha” e “Casa”, visto a sobreposição do Materno sobre o Arquétipo do Feminino.

Na categoria do enfoque teórico, há menção ao Mito da Medusa, que pode ser concebida como uma das facetas negativas do materno e do feminino, visto que essa Deusa traz a ideia de petrificação, que foi uma das palavras chaves despontadas na categoria do Arquétipo e Complexo Materno (“Pedras”), simbolicamente concebida como a paralisação da energia psíquica. É notável a relação desse simbolismo com as palavras chaves levantadas “Despotencializado” e “Desenergizado”.

Também, traz a ideia de um masculino negativo, soberano e prepotente, que constantemente é visto como ameaça e contradição com o materno, colocado em uma posição de fragilidade, observado pelos termos-chaves “Paterno Negativo”, “Mãe Frágil”, “Castrado”, “Dominância Masculina”, “Dependência Materna”. O participante EJ2 comentou sobre o aspecto do masculino presente nas manifestações oníricas: “O pai vem como um masculino do tipo arquetípico “Zeus”: faz os filhos e depois os abandona. Permanece impessoal, mas poderoso”.

Quando há esse conflito entre duas instâncias primordiais para o desenvolvimento psíquico e a falta de amparo emocional de ambos, se torna um fator para surgimento de sintomas como ansiedade, dependência e insegurança como observado na análise clínica do caso e nos relatos extraídos de imagens oníricas, visto resultar em uma energia conflitiva para reconhecimento do Si Mesmo (KAST, 2013). Esse acaba se dissociando do seu verdadeiro Self e vivendo uma realidade manipulada por essas imagens arquetípicas (YOUNG-EISENDRATH, 1947).

Naturalmente o Arquétipo Materno e o Feminino são recebidos como a primeira forma de relação do ser humano, inserindo-o em um estado inconsciente e frágil, provido pelo Materno, o que estimula a presença do *Puer Aeternus*, isto é, a infantilidade exacerbada (KAST, 1997). Esse aspecto pueril e fragilizado foi observado pelo Desenho 2 (D2), despontado na análise de conteúdo. A figura remete à uma criança chorando, frustrada e sem boca. À imagem da criança, indefesa, sensível e sem voz pode-se inferir que haja influência do caráter devorador do Materno, anteriormente descrito. O participante EJ1 levanta essa ideia através dos relatos:

A figura feminina sempre presente nos seus relatos sugere uma forte tendência de apelos pelo arquétipo da Grande Mãe numa primeira vista, é uma determinação inconsciente da personalidade que influencia de forma contundente sua inclinação, sua consciência e a direção de sua vida.

Outro desenho que é ressaltado é o Desenho 1 (D1): a imagem de um homem pequeno e curvado diante de uma mulher enorme, careca, sorridente e de seios expostos. Há uma intensa assimilação ao Arquétipo da Grande Mãe, da Deusa, que é exacerbada na psique do paciente. É uma imagem que remete o posicionamento do Materno, quanto do Feminino, para o paciente: ele curvado e inferior à essas energias. Assimila-se, também, para o aspecto

pueril, que acompanha a Grande Mãe, visto o homem possuir a identificação com o papel de filho da Deusa, frente à sua relação com o materno (GAETA, 2019).

Foi possível compreender a influência do papel materno no caminho de desenvolvimento e emancipação da psique individual e como as imagens do coletivo podem aparecer como representativos de determinados fenômenos psíquicos e relacionais, remetendo à toda dinâmica e vivência dessa temática para o paciente. Ressalta-se que a análise obtida através dos dados foi embasada no referencial teórico, de forma a não quebrar a confidencialidade do caso apresentado.

4.2 Resultados Obtidos com o Protocolo de Hillman

Foram entrevistados 3 profissionais (EH1, EH2, EH3) caracterizando a prática da Psicologia Junguiana, pelos pressupostos de Hillman, um autor pós junguiano, que fomentou novos conceitos e pensamentos a partir dos preceitos de Jung. Os perfis dos participantes foram apresentados no Quadro 2. Também, para a somatória dos termos, considerou-se termos idênticos, assim como, sinônimos, tanto semânticos, quanto para o contexto dos discursos.

Quadro 4: Resultados da Análise de Conteúdo do Grupo H.

CATEGORIAS	TOTAL DE PALAVRAS E TERMOS-CHAVES
Análise do Sonho	Ameaça (12); Mãe Frágil (12); Falta de controle (9); Sem visão (7); Agressividade (7); Medo (6); Impotência (6); Defesas (6); Desintegração (5); Casa idealizada (5); Feminino dominante (4); Feminino Idealizado (4); Direção oposta (4); Dependente (3); Aceitação social (2); Processo Alquímico <i>Calcinatio</i> (2); Herói (2); Aspectos do inconsciente (2); Infantil (2); Sádico (2).
Contextualização histórica e social	Mãe Frágil (8); Necessidade de cuidado (7); Agressividade (6); Relação paterna negativa (6); Dificuldade nos relacionamentos (5); Irmão negativo (5); Anima (5); Ansiedade (4); Relações idealizadas (3); Novas imagens (3); Feminino Condutor (3); Complexo materno negativo (3); Perigo (3); Medo (2); Veículos (2); Relação Parental (2); Transformação (2).
Arquétipo e Complexo Materno	Feminino frágil (8); Onipotência do Feminino (8); Perigo (7); Inseguro (6); Medo (6); Sem controle (5); Anima idealizada (4); Mulher mais velha (3); Complexo Materno negativo (3); Desamparo (3); Impotência (2); Imagem da irmã (2); Masculino negativo (2); Necessidade do Masculino (2); Fragilidade da casa (2); Necessidade de cuidado (2); Modificação do Complexo Materno (2); Meios de vinculação (2); Desejo (2); Ego frágil (2).
Particularidades do enfoque teórico	Invasão do inconsciente (6); Anima ativa (6); Processo de individuação (4); Imagens do sonho (4); Agressividade (4); Arquétipo Paterno ausente (4); Dissolução (4); Metáforas (3); Sincronicidade (2); Amplificações (3); Operação Alquímica (3); Ego frágil (3); Impulsos do Ego (3); Unilateralidade da consciência (2); Perigo (2); Direção contrária (2); Sem visão (2).
Uso dos desenhos	D1(2).

As principais palavras despontadas para o Grupo H foram: Ameaça; Mãe frágil; Anima Onipotente; Relações idealizadas; Feminino Idealizado; Sem visão; Medo; Agressividade; Anima Ativa; Complexo e Arquétipo Materno negativo; Desintegração; Operação Alquímica; Masculino negativo e ausente; Ego frágil; Novas Imagens/ Transformação; Inseguro. Observa-se que são palavras que possuem relação com a teoria de Jung e a de Hillman, que será

descrito conforme a análise realizada. Há uma certa predominância da temática do materno e do feminino, porém houve o despontamento de outros termos e processos psíquicos.

Dada a questão de pesquisa, destaca-se a categoria de visualização do Arquétipo e Complexo Materno, extraído das análises dos protocolos de participantes com o enfoque hillmaniano. A partir das palavras/termos chaves “Feminino frágil”, “Onipotência do Feminino”, “Anima idealizada”, “Complexo Materno negativo”, “Masculino negativo”, “Necessidade do Masculino”, nota-se que há polaridades (dualidades) nas imagens e análises propostas dos conteúdos oníricos. Ao mesmo tempo que o Feminino/Materno e o Masculino/paterno são tidos como negativos e insuficientes, são percebidos como idealizados e onipotentes.

É importante ressaltar que apesar do Arquétipo/Complexo Materno serem instâncias psíquicas diferentes da Anima/Feminino, Hillman aponta que a Anima surge e se manifesta apropriadamente a partir do desligamento da imagem e complexo da mãe na primeira infância (HILLMAN, 1998). Logo, possuem referenciais similares de imagens e conteúdo (GAETA, 2019). Assim, quando há uma invasão significativa do materno na psique do paciente, há uma distorção da dinâmica do feminino, que acaba sendo projetada em suas relações e na realidade interna e externa. Hillman (1998 *apud* GAETA, 2019) traz o questionamento quando o *Puer* (Arquétipo da Criança) perde sua autoidentidade, ou seja, não se desenvolve de forma correta, o sujeito se assegura eternamente no papel de “Filho da Grande Mãe”.

Assim, destaca-se a influência do paterno para a jornada de individuação. Dada a enorme potência do materno na psique do paciente, o Animus se afasta cada vez mais, desestabilizando o desenvolvimento psíquico do mesmo. O participante EH3 reforça essa ideia pela frase comentada em uma das análises: “A imagem que tem do pai não possibilitou se desligar do complexo materno, que se mostra frágil, confuso, inseguro, desprotegido, tendo uma implicação em seu próprio processo e nas relações que estabelece com as figuras femininas”.

Por mais que não tenha tido muito uso dos desenhos pelo Grupo H., destaca-se o Desenho 1 (D1), citado anteriormente na análise do Grupo J. Essa expressão artística se relaciona bastante com a jornada do *Puer Aeternus* em relação à sua identificação com a Grande Mãe e seu papel de eterno filho inferiorizado, o que se assimila à outras palavras/termos chaves despontados na análise como “Anima Idealizada” e “Onipotência do Feminino”. O participante EH1 ressalta: “O paciente diante do seu sentimento destruidor em potencial em relação ao feminino, vai transitando em disfarces e tentativas de manter as mulheres na sua idealização, mas de forma sombria acaba inevitavelmente as ferindo e inconsciente de sua raiva pelo desamparo”.

Uma imagem que se destacou na categoria do Arquétipo e Complexo Materno foi a “Irmã”, podendo-se remeter à predominância da Anima, principalmente idealizada e condutora. “A Anima do paciente parece estar transitando por outras imagens do fraterno” (EH1). Da mesma forma, pela aparição da imagem da casa, colocada como “Casa Fragilizada”, tida com estruturas frágeis e insuficientes, análogo as imagens do Arquétipo Materno para esse indivíduo. É interessante observar que, por mais que haja consistência no discurso dos participantes em relação às imagens e conteúdos decorrentes nas categorias, também foi citado, algumas vezes, a transformação gradual dessas imagens e a transitoriedade do Feminino e Materno de acordo com a trajetória de individuação do paciente. Esse fenômeno foi observado pelos termos chaves “Transformação”, “Modificações do Complexo Materno” e “Imagens do Sonho”.

O participante EH3 comenta: “Parece que no decorrer do tempo, no processo analítico, os sonhos mostram facetas diferentes das formas com que ele se relaciona com o feminino. Novas imagens do feminino aparecem nesses sonhos”. Esse processo demonstra a evolução trazida pela análise clínica realizada, assim como a fluidez de imagens durante a jornada do paciente e sua alma, o que Hillman frisou em sua teoria.

Um dos termos chaves despontados foi “Operação Alquímica”, conceito importante para a Psicologia de Hillman. O participante EH1 traz um conceito prático dessa metáfora entre alquimia e sonhos:

O monstro que dissolvia pedras parece se referir ao processo alquímico *Calcinatio*. Processo esse que tira as impurezas daquilo que está inerte e petrificado. No caso do paciente algumas estruturas complexas podem estar a desmoronar, porém com a possibilidade de uma estabilidade no piso, deve pisar na madeira e não nas pedras.

Logo, visualiza essa relação com o entendimento metafórico e simbólico do sonho com etapas de transformação pela experiência alquímica, o que universaliza e torna a alma e suas produções atemporais (LABONDE, 2014).

A partir desses pressupostos, foi possível visualizar e analisar o papel do materno no caminho de desenvolvimento e emancipação da psique individual e como as imagens dos Arquétipos possuem uma transitoriedade na alma de cada ser, transcendendo à aspectos atemporais da história humana. Assim como, metaforicamente induzem à uma reflexão sobre a trajetória do indivíduo em sua individuação. Ressalta-se, assim como para o Grupo J, que a análise obtida através dos dados foi embasada no referencial teórico, de forma a não quebrar a confidencialidade do caso apresentado.

4.3 Discussão e Análise dos Dados Obtidos

Para realizar a discussão de dados obtidos com ambos os grupos, comparou-se duas categorias, através do Quadro 5, consideradas essenciais para os objetivos e questão da

pesquisa: Arquétipo e Complexo Materno e Particularidades do enfoque teórico. Assim, pretendeu-se compreender como ocorre a visualização do Arquétipo/Complexo Materno para ambos enfoques, assim como discutir as similaridades e diferenças entre ambos.

Quadro 5: Comparação entre categorias do Grupo J e H.

CATEGORIAS	GRUPO JUNG	GRUPO HILLMAN
Arquétipo e Complexo Materno	Figura Feminina Anima (10); Mãe terrível (7); Pedras (5); Herói (4); Dependência materna (4); Útero Materno (3); Despotencializada (3); Casa (3); Castrado (2); Mulher mais velha (2); Veículos (2).	Feminino frágil (8); Onipotência do Feminino (8); Perigo (7); Inseguro (6); Medo (6); Sem controle (5); Anima idealizada (4); Mulher mais velha (3); Complexo Materno negativo (3); Desamparo (3); Impotência (2); Imagem da irmã (2); Masculino negativo (2); Necessidade do Masculino (2); Fragilidade da casa (2); Necessidade de cuidado (2); Modificação do Complexo Materno (2); Meios de vinculação (2); Desejo (2); Ego frágil (2).
Particularidades do enfoque teórico	Pueril (10); Castrado (5); Inconsciente (4); Amplificação (3); Mito da Medusa (3); Consciência (3); Amor frustrado (3); Sincronicidade (2); Incesto (2); Projeções (2); Símbolos (2); Desenergização do complexo (2); Processo de individuação (2); Apego (2); Opostos (2).	Invasão do inconsciente (6); Anima ativa (6); Processo de individuação (4); Imagens do sonho (4); Agressividade (4); Arquétipo Paterno ausente (4); Dissolução (4); Metáforas (3); Sincronicidade (2); Amplificações (3); Operação Alquímica (3); Ego frágil (3); Impulsos do Ego (3); Unilateralidade da consciência (2); Perigo (2); Direção contrária (2); Sem visão (2).

Em relação à categoria do Arquétipo e Complexo Materno, nota-se algumas similaridades nas palavras/termos chaves: 1) A exacerbação da imagem do Materno Negativo e sua dependência; 2) A onipresença do Feminino; 3) A imagem da “mulher mais velha”; 4) A imagem da “casa”; e 5) Sentimento de “impotência” e “castrado”.

Sobre as divergências, observa-se que, para o grupo de respondentes da abordagem de Hillman, a questão do masculino insere-se dentro da categoria do Arquétipo Materno, assim como outras imagens, como a da “Irmã”. Também, há maior descrição dos aspectos da Anima (“Frágil”; “Idealizada”; “Onipotente”) em comparação com os dados do grupo de Jung, assim como a inclusão de aspectos da psique como “Ego frágil” e “Modificação do Complexo Materno”. Já para Jung, desponta imagens como “Pedra”, “Veículos” e “Útero Materno” e o termo “Despotencializada”, referindo-se a psique do sujeito e ao simbolismo de imagens.

Já para a categoria de Particularidades do enfoque teórico, as similaridades visualizadas entre ambas teorias foram: 1) Inconsciente; 2) Processo de Individuação; 3) Sincronicidade; 4) Amplificação; e 5) Consciência/Ego. Em suas diferenças, o Grupo de Jung aborda a mitologia pelo “Mito da Medusa” e introduz os termos teóricos significativos “Pueril”, “Castrado”, “Incesto”, “Projeções”, “Desenergização do Complexo” e “Símbolos”. Já para as análises dos participantes da abordagem de Hillman, nota-se os termos “Anima Ativa”, “Imagens do sonho”, “Metáforas”, “Operação Alquímica”, assim como aspectos do Masculino/Animus.

No que se concerne ao entendimento do Arquétipo e Complexo Materno foi percebido, através das análises dos entrevistados da abordagem junguiana, que houve um

direcionamento maior para o conteúdo simbólico dos sonhos, ou seja, a relação das imagens/personagens apresentados nos sonhos com as formas simbólicas da psique e suas manifestações. Já para Hillman, nota-se o enfoque na imagem em sua natureza, não necessariamente com uma interpretação exclusivamente simbólica. Alguns participantes do enfoque hillmaniano trazem a ideia das imagens, como a irmã ou a mulher mais velha, serem uma forma de transitoriedade da energia feminina e do materno.

Na perspectiva da Psicologia Arquetípica, as imagens se movimentam em diversos significados e amplificações possíveis, levando a um mito e/ou arquétipo de forma atemporal (SOUZA; CHAGAS, 2018). Dado isso, pode-se relacionar com o aparecimento dos aspectos do masculino para o Grupo Hillman, por mais que não havia sido mencionado nas diretrizes do roteiro de entrevista. De qualquer forma, para ambas teorias, o Arquétipo e Complexo Materno foram concebidos de uma maneira negativa para o paciente do caso analisado, visualizando-se tal Arquétipo a partir de termos como a Mãe terrível, frágil, predominante e dependente. Como conteúdos coletivos e universais processos da psique humana, levantou-se aspectos da Mitologia (no Grupo Jung, visto focar em imagens específicas da psique) e da Alquimia (no Grupo Hillman, por abordar a ideia de transformação da alma). Relativo ao Materno, em ambos houve a conexão com a dinâmica do Feminino (Anima) como instância conectada aos aspectos do Materno e vice-versa para o desenvolvimento psíquico e relacional do sujeito e em sua visão de mundo.

Uma diferença a ser ressaltada é no que se refere a forma de tratamento das imagens retiradas dos conteúdos oníricos. Para Jung (e no Grupo J), há a indução da interpretação simbólica e compensatória desses materiais frente aos complexos pessoais do paciente. Para Hillman (e no Grupo H), a imagem é percebida como apenas uma das maneiras de ser analisada, podendo ser constantemente transformada em outros elementos e caminhos. Isso pode influenciar as análises durante o *setting* terapêutico, visto haver distinção na maneira de lidar com a imagem propriamente dita.

Portanto, considera-se que há convergências para ambas teorias, como a identificação das imagens e Arquétipos e suas dinâmicas. Todavia, as divergências se basearam no tratamento dessas imagens e como foram encaixadas no contexto clínico e conceitual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o estudo, retoma-se a questão de pesquisa: como ocorre as manifestações do Arquétipo e do Complexo Materno, a partir de sonhos e desenhos, para a perspectiva de Jung e para a de Hillman?

A partir dessas duas fontes de conhecimento, evidenciou-se para ambas abordagens que o Arquétipo e Complexo Materno se manifestam, majoritariamente, através de imagens

que representam aspectos simbólicos das características coletivas e pessoais do Materno e da Anima, concebidas através da mitologia e experiências humanas universais. Assim como, imagetivamente falando, são representados por diversos papéis e representações femininas. O materno, para Jung, como citado na teoria, é proveniente das imagens do Feminino, assim como, para Hillman, o Feminino ressurgiu da dinâmica do Materno. Assim, as manifestações são similares e relacionadas, direcionadas para essas duas energias arquetípicas.

O que se difere para as duas abordagens teóricas é o manejo dessa imagem, visto Jung abordar mais simbolicamente com os aspectos compensatórios do inconsciente (pessoal e coletivo) e Hillman metaforizar as imagens para um contexto atemporal, transitório e amplo da experiência humana. Todavia, ambos recorrem às imagens e facetas dos Arquétipos em comum, como observado nas análises realizadas.

Por fim, compreende-se que, além dos objetivos iniciais do trabalho, foi possível evidenciar a existência da teoria dos Arquétipos, postulada por Jung, dada a visualização de imagens e padrões coletivos sobre as temáticas e características do materno e feminino, tidas como comprovação prática da influência desses conteúdos e como se manifestam na dinâmica subjetiva e individual.

São várias as limitações ao decorrer de uma pesquisa acadêmica. Uma limitação metodológica de estudo é a questão da amostra reduzida de participantes na coleta, impossibilitando uma generalização dos dados e, também, da expansão dos resultados para outros contextos, limitação característica de estudos qualitativos, visto o método escolhido buscou um aprofundamento de conhecimentos dentro de uma abordagem teórica. Além disso, foi notada uma limitação operacional da pesquisa, visto o protocolo buscar uma análise profunda sobre o estudo de caso, resultando em certa dificuldade para encontrar participantes com disponibilidade para realizar o procedimento de coleta ativamente.

Como proposta para estudos e levantamento de questões futuras, propõe-se a realização de um estudo quantitativo para maior coleta de dados e outros contextos da psicologia científica e prática. Ainda que o presente estudo tenha sido finalizado e tenha tido contribuições com os resultados da pesquisa acerca do tema para abordagem junguiana e a Psicologia em geral, não se intenciona encerrar as investigações sobre a temática da pesquisa, pois há um interesse pessoal e acadêmico e ainda uma infinidade de descobertas a serem pesquisadas sobre a psique humana.

6. REFERÊNCIAS

BARCELLOS, G. Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação. **Pro-Posições**. v. 15, p. 27-38, 2004.

BARCELLOS, G. **Psicologia Arquetípica**, I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Junguiana “30 anos pós Jung”, Cultrix, São Paulo, 1991.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. 70, São Paulo, 2011.

CARVALHO, F. **Os mitos: Fontes simbólicas**. (2017). Disponível em: <https://www.jungnapratica.com.br/os-mitos/> acesso em: 13/12/18.

CORREA, R. Site: Equilybra. **O Arquétipo da Grande Mãe**. Disponível em: <http://equilybra.com.br/equilybra/o-arquetipo-da-grande-mae/> acesso em: 12/10/2018.

FERNANDES, I. **Como trabalhar com sonhos na perspectiva junguiana?** (2010). Disponível em: <https://dialogosjunguianos.wordpress.com/2010/08/17/como-trabalhar-com-sonhos-na-perspectiva-junguiana/> acesso em: 15/02/2019.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, L. **Jung e a Interpretação de sonhos**. (2015). Disponível em: <http://mundodapsi.com/jung-interpretacao-dos-sonhos/> acesso em: 23/02/2019.

GAETA, I. Filhos da mãe – Animus da mãe na vida do filho. **Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 04, n. 03, 2019.

HALL, J. **Jung e a Interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática**, São Paulo, ed. Cultrix, 2007.

HILLMAN, J. **O livro do Puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus**. Ed. Paulus, São Paulo, 1998.

HILLMAN, J. **O sonho e o Mundo das Trevas**, 1987, ed. Vozes, Coleção Reflexões Junguianas, Petrópolis, 2013.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Obras Completas 9, 1875. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2000.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente – Dois Escritos sobre Psicologia Analítica**. Col. Obras Completas 7, 1951. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2011.

JUNG, C. G. **A Energia Psíquica**. Col. Obras Completas 8, 1928. Trad. Pedro Dom Mateus Ramalho Rocha, Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

JUGEND, S. W. A atitude simbólica na obra de Carl Gustav Jung. Resumo da monografia apresentada no Curso de Especialização em Psicologia Analítica, PUC – Pr, 1998. Disponível em: <http://www.symbolon.com.br/artigos/aatitude.htm> acesso em: 08/09/2019.

KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno**. São Paulo: Loyola, 1997.

KAST, V. **A Dinâmica dos Símbolos: Fundamentos da Psicoterapia Junguiana**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

LABONDE, E. A Alquimia dos Complexos. **Monografia pela Universidade Católica do Paraná**, Paraná, 2014.

LIMA, K. M. V. **A psique segundo a psicologia analítica de Jung**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/breve-resumo-sobre-a-psique-segundo-a-psicologia-analitica-de-jung/62108> acesso em: 23/03/2019.

MARIOTTO, F. L.; ZANNI, P. P.; MORAES, G. H. S. M. What is the use of a single-case study in management research? **Revista Administração de Empresas (RAE)**, v. 54, n.4, 2014.

MOTTA, P. R. **A psicologia analítica e a mitologia**. (2016). Disponível em: <https://paulorogeriadamotta.com.br/psicologia-analitica-e-mitologia/> acesso em: 13/12/2018.

MOURÃO, H. R. **A Anima**. (2006). Disponível em: <http://cafecomjung.blogspot.com/2016/03/a-anima.html> acesso em: 09/06/20.

MOURÃO, H. R. Site: Café com Jung. **A bruxa e a sedução**. (2014). Disponível em: <http://cafecomjung.blogspot.com.br/2014/06/a-bruxa-e-seducao.html> acesso em: 12/10/2018.

PORTILLO, V. G. **O Complexo Materno**. (2001). Disponível em: http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Complexo_Materno.htm acesso em: 10/02/2020.

PORTILLO, V. G. (2004). **O Complexo Materno Não Resolvido**. (2004). Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos> acesso em: 23/02/2019.

SANT'ANNA, P. A. **Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da psicologia analítica**. Trabalho derivado da tese de doutorado – Faculdade de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista abordagem gestaltática**, v.16, n.1, 2010.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4ª. ed. São Paulo: E.P.U., 1987.

SILVEIRA, N. **Jung: obra e vida**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, H. M.; CHAGAS, L. F. Abordagem clínica dos temas “morte” e “suicídio” na perspectiva da psicologia arquetípica. **Instituto Junguiano de São Paulo**, n. 3, 2018.

STEIN, M. **Jung – O Mapa da alma**. São Paulo, Ed. Cutrix, 2006.

VILELA, V. **Freud, Jung e a interpretação de sonhos**. (2014). Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/freud-jung-interpretacao-dos-sonhos/> acesso em: 15/02/2019.

WERRES, J. L. O complexo materno e o feminino emergente. **Reflexões na Psicologia, vida e cultura**, Porto alegre, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOUNG-EISENDRATH, P. **Bruxas e Heróis: uma abordagem feminista à terapia de casais**, 1947; Trad. Carlos E. Marcondes de Moura, Ed. Summus, São Paulo, 1995.